

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#23 (tomo 1) Jan. 2020

NECRÓPOLE DAS TOUÇAS (Sabrosa)

**Cerro do Castelo de
Alferce: um emblemático
sítio arqueológico**

**Botões de Uniforme ao
Tempo da Guerra Peninsular**

**Artes do Couro: os estojos
dos séculos XIII-XIV**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

EDITORIAL...3 ▶

CRÓNICAS

Como é que eu os vou tropicar? | José d'Encarnação...6 ▶

ARQUEOLOGIA



Necrópole das Touças, em Sabrosa: santuário medieval ou algo mais? | Gerardo Vidal Gonçalves e Dina Borges Pereira...9 ▶



ARQUEOLOGIA LUSÓFONA

“Um Metro Atrás e Não Apanhavas Nada!”: resultados preliminares de uma sondagem arqueológica realizada na Rua de Santa Margarida, Santarém | Nuno Santos, António Carneiro, Vanessa Sousa e José Arrais...18 ▶



De Portugal a Moçambique: memória dos fornos de cal artesanais de Estaquinha (Búzi, Sofala) | Fernando Ricardo Silva e Marco Valente...70 ▶



O Castro das Coroas (Ferreiros de Tendais, Cinfães): um novo contributo para o seu estudo | Jorge Manuel Resende...26 ▶

ESTUDOS

Desabotoar o Passado II - Os Botões de Uniforme ao Tempo da Guerra Peninsular: contributo para o seu estudo | Rui Ribolhos Filipe...76 ▶



Cerro do Castelo de Alferce (Monchique): um emblemático sítio arqueológico | Fábio Capela, Félix Teichner e Florian Hermann...35 ▶



O Sinete Municipal de Vila Franca do Campo: observações preliminares | Diogo Teixeira Dias...87 ▶



Castelo de Miranda do Douro: breve notícia de uma escavação arqueológica | Rui Pinheiro, Pedro Dâmaso, Francisco Leal, Tiago Gil, Sérgio Amorim e Carlos Jorge...50 ▶



A Porcelana Kinrande da Rua da Judiaria (Almada) | Telma Tavares...94 ▶



OPINIÃO

Os Valores do Património: uma investigação sobre os sítios pré-históricos de arte rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde |

José Paulo Francisco...99 ▶



Ensaio sobre a (Re)Construção Arqueológica como *Performance* | Pedro da Silva...114 ▶

PATRIMÓNIO

Artes do Couro no Medievo Peninsular. Parte 3: os estojos dos séculos XIII e XIV |

Franklin Pereira...129 ▶



As Reformas Pombalinas em Lisboa: modelo de organização das cidades iluministas portuguesas | Rogério Pereira de Campos, Fernanda Rodrigues, Aníbal Costa e Humberto Varum...137 ▶



Manifesto Vale da Lage 1 (VL1): tribulação | Ana Cruz...119 ▶



A Comunidade Muçulmana de Alcácer do Sal durante a Idade Média | Marta Isabel Caetano Leitão...150 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Convento de Monchique: breve notícia da sondagem 20 | Rui Pinheiro...157 ▶

Uma Ocupação da Antiguidade Tardia na Aldeia do Penedo (Runa, Torres Vedras) | Luísa Batalha, Guilherme Cardoso e Isabel Luna...160 ▶

Fragmento de Ânfora Africana / Keay 6-7 do Vale de Alcântara (Lisboa) | Luísa Batalha e Guilherme Cardoso...162 ▶

LIVROS & REVISTAS

Duas Cidades Romanas, Duas Monografias | José d'Encarnação...163 ▶

Novidades editoriais...165, 166 e 167 ▶

EVENTOS

Gestos e Técnicas de Vila Nova de São Pedro: *workshops* de Arqueologia experimental no Museu Arqueológico do Carmo | Pedro Cura, Andrea Martins e César Neves...168 ▶

Linguística e Epigrafia: em busca da nossa mais vetusta antiguidade! | José d'Encarnação...171 ▶

São Cucufate: *villa* romana que é do Povo! | José d'Encarnação...173 ▶

7.º LRCW e 5.º SECAH: ceramologia romana e tardo-antiga | José Carlos Quaresma...175 ▶

Campo Arqueológico de Mértola Distinguido com Prémio da Universidade de Córdova | Maria de Fátima Palma e Virgílio Lopes...176 ▶

Notícia do XIII Congresso Ibérico de Arqueometria | Célia Gonçalves, Daniel García Rivero, Maria Isabel Dias, Nuno Bicho, Ruth Taylor e Manuel García-Heras...177 ▶

Workshop Identificar, Escavar e Estudar Sítios do Paleolítico Superior em Contextos de Arqueologia Preventiva | Cristina Gameiro...178 ▶

Agenda de eventos...180 ▶

Como é que eu os vou trompicar?

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado,
da Faculdade de Letras da Universidade
de Coimbra].

Por opção do autor, o texto
não segue as regras do Acordo
Ortográfico de 1990.

JOSÉ LUÍS MATEIRA - 2019



Antes do 25 de Abril de 1974,
a nossa preocupação de redactores era:
“*Como é que eu os vou trompicar?*”

Ou seja, como é que eu vou dar a volta ao texto,
para que os senhores da Censura Prévia não entendam
bem o que eu, nas entrelinhas, quero dizer?

Por vezes, éramos nós próprios que nos enganávamos,
como naquela ocasião em que João Martinho de Freitas,
o director, viu censurado o título – e só o título! –
da sua habitual rubrica semanal, apenas porque o
censor não gostara que se chamasse *lengalenga* ao que
o director naquela edição ali comentava.

Os concursos

Lembrei-me desta experiência quotidiana de sermos obrigados a enganar os esbirros do lápis azul, quando tomei conhecimento dos termos de editais referentes a concursos para lugares públicos. Num, a nível autárquico, dava-se prioridade a quem tivesse determinada licenciatura que, por sinal, há muito que não existia nos currículos universitários. O pessoal bisbilhoteiro lá conseguiu perceber: é que o lugar se planeara para a esposa do director do jornal local, que estava sempre a zurzir no presidente da Câmara. Era ela a única que tinha essa licenciatura – e ganhou o lugar! Noutro concurso, este a nível universitário, um dos prováveis concorrentes exercera, durante largos anos, funções de gestão, o que, como se sabe, acaba por impedir a dedicação à investigação

e até, por vezes, ao ensino. Mas esse candidato “não era da cor”. Portanto, muito simples: na grelha das percentagens da avaliação curricular, atribuí-se valor escasso às tarefas administrativas.

Está feito!

Pode também acontecer o contrário: quer-se escolher determinado candidato cujas funções foram sobretudo administrativas e quase nulo o currículo científico. Mesmo estando o concurso aberto para um lugar de docência, não há problema: empola-se bastante a percentagem da gestão académica e... pronto!

Igualmente se pode recorrer a uma terminologia vaga, susceptível de interpretações diversas. Privilegiar-se-á, por exemplo, o candidato cuja investigação se prenda com a longa duração! Assim como a das pilhas que duram, duram, duram!... E basta que o candidato saiba adaptar os seus “projectos” (sim, tem de haver projectos!) à longa duração – o concurso está no papo!

Estou a falar, claro, de concursos democráticos, abertos na sua quase totalidade até a nível internacional, onde o currículo dos candidatos é, teoricamente, esmiuçado a rigor e há, como atrás se disse, rigorosos índices aritméticos e até tabelas *Excel* que automaticamente indicam a classificação, de acordo com a pontuação atribuída por cada membro do júri aos diversos itens em análise. Concursos em que, teoricamente, importa seleccionar o melhor, o candidato que mostrou ter o perfil mais adequado ao lugar que pretende vir a ocupar. O “melhor” ou... “o que mais interessa”?

Os currículos

Há, pois, que analisar os currículos e, aqui, também a porca torce o rabo! Falamos de docentes ou, se se preferir generalizar, dos elementos do género humano que, um dia, perante a possibilidade de virem a ser agricultores, sapateiros ou alfaiates, optaram – ou obrigaram-nos a optar – pela leccionação, pela investigação científica, não pensando quão perigosa viria a ser a primeira e quão penosa e igualmente incompreendida a segunda. A Professora Maria de Fátima Bonifácio, bem conhecida no mundo das Histórias (é especialista em História Contemporânea de Portugal), reformou-se em 2012. *Fora da Circunstância* é o título do seu livro mais recente e constituiu pretexto para Nuno Dias da Silva a entrevistar. Uma longa entrevista inserida no suplemento à edição do n.º 3841, de 29 de Outubro último, do jornal *Reconquista*, de Castelo Branco, *Ensino Magazine* n.º 260 (Outubro 2019), páginas 2 a 4, com chamada na primeira página. Recorto, com a devida vénia, uma passagem: “*O Ministério da Educação está recheado de funcionários, que supostamente são professores, que nunca deram aulas e que estão ali a inventar fichas*

“Há, pois, que analisar os currículos e, aqui, também a porca torce o rabo! Falamos de docentes ou, se se preferir generalizar, dos elementos do género humano que, um dia, perante a possibilidade de virem a ser agricultores, sapateiros ou alfaiates, optaram – ou obrigaram-nos a optar – pela leccionação, pela investigação científica, não pensando quão perigosa viria a ser a primeira e quão penosa e igualmente incompreendida a segunda.”

e questionários para chatear os docentes e lhes tirar o tempo necessário para a preparação das aulas. Conheço professores de liceu que gastam mais tempo a preencher fichas do que a preparar aulas.

Isto é uma aberração”.

É.

E até mereceria contestação generalizada.

No Ensino Superior – quanto eu saiba (felizmente que também estou aposentado!...) – a situação da burocracia ressent-se de igual parafernália. Que projecto tens em curso? Já fizeste o relatório a dar conta das fases alcançadas? Já pensaste no projecto a que vais dedicar-te daqui a cinco anos? Sim, tens que o gizar agora; se não, arriskas-te a não ter financiamento e lá fica a tua classificação pelas ruas da amargura!...

Pedi-me, outro dia, um amigo:

– Por favor, não edites o livro como “actas”, porque as comissões de avaliação não valorizam a participação em reuniões científicas! Claro que o aquietei e vou trompicar os jurados, porque nem no mais escuso cantinho do livro aparecerá a palavras *actas* e eles que se danem!

Mas... – estou a redigir esta crónica em pleno auge do *Web Summit*!... – quando toda a gente se orgulha de ter neste evento as maiores sumidades a falar, fico a saber que, para as comissões de avaliação, ser convidado para fazer a conferência inaugural dum congresso internacional ou para presidir a uma das sessões ou, simplesmente, para apresentar uma comunicação, não tem valor por aí além.

O que interessa é ter artigo em inglês, devidamente aprovado por *referees* e não na revista da tua Faculdade ou instituição, mas numa estrangeira. Claro, também aqui a gente trompica os avaliadores:

– Ouve lá, ó colega, tu publicas-me isto na tua revista e eu dou-te oportunidade de publicares na minha, certo?

Além disso, querem em inglês? Façamos-lhes a vontade:

– Ó *Mr. Google*, tu traduzes-me isto?

E vai daí o *Sr. Google* até é capaz de traduzir, como já aconteceu, Ponta Delgada por *Thin Point* e os avaliadores que descubram se *Thin Point* é no Japão ou na Florida!...

Nem falo dos constantes convites que se recebem da parte de revistas ditas internacionais e de renome, que te propõem publicar um artigo teu... desde que pagues, claro!

Voltemos, então, à entrevista da Professora Fátima Bonifácio, a pôr o dedo na ferida: *“O que acontece é que quem está na investigação ou no ensino universitário não tem tempo para estudar ou aprender, só tem tempo para aviar o mesmo «paper» em cinco sítios diferentes para fazer currículo. Vi muitos currículos em que a mesma conferência é mencionada ter sido apresentada em quatro ou cinco cidades diferentes. É uma falta de vergonha. As avaliações são puramente quantitativas e isso obriga, quem lá está, a apresentar serviço, mesmo que seja repetido. Hoje ninguém pode passar um mês a ler o Weber. Não pode. Não tem tempo. Não sei se sabe, mas hoje em dia um artigo publicado numa revista científica vale mais do que um livro que resulte de uma árdua investigação de dois ou três anos. Isto é completamente desmotivador”.*

Publicado num jornal regional – ainda que de mui vetusta tradição e larga divulgação, como é o *Reconquista* – o depoimento de Fátima Bonifácio precisa de ser alcandorado.

Quantidade – é o que interessa. Daí que o candidato não desdenhe em incluir no seu currículo (frequentemente organizado a trouxe-mouxe...) a *“comunicação na sessão inaugural do congresso X”*.

“[...] hoje em dia um artigo publicado numa revista científica vale mais do que um livro que resulte de uma árdua investigação de dois ou três anos. Isto é completamente desmotivador”.

Publicada num jornal regional – ainda que de mui vetusta tradição e larga divulgação, como é o Reconquista – o depoimento de Fátima Bonifácio precisa ser alcandorado.”

Uma ou várias, porque, no exercício das funções académicas, era a ele que competia presidir à sessão e dar as convencionais boas-vindas aos participantes e augurar-lhes frutífero labor! Falou, não falou? Comunicou, não comunicou? Então, prante-se no currículo que “fez comunicação”! Ora toma! E são mais umas linhas a encher.

A miúde se fala de crise, de encruzilhada. Pois que se esqueça a crise e se atente no significado último de encruzilhada. Não para se exorcizarem lobisomens – ou talvez até para esse fim! Os lobisomens de uma paisagem enfeitada pelos inventores de fichas, de tabelas *Excel*, de esquemas labirínticos... Há que, na encruzilhada, plantar placas direccionais claras, transparentes. A transparência que a verdadeira Democracia requer! No respeito pelas pessoas! 🐾

José d’Encarnação,
6 de Novembro de 2019